

O ENFERMEIRO EM ATENDIMENTO PRÉ HOSPITALAR NO CONTEXTO DA PANDEMIA COVID-19

Lediane Paula Trissoldi
Débora Alessandra Dellai
Diovanna Sala da Silva
Naiara Luísa Hammes
Vanessa Lolato
Sirlei Favero Cetolin

Resumo

Introdução: O final do ano de 2019 foi marcado pelo surgimento de uma nova doença infectocontagiosa, iniciada na China e causada pelo vírus SARS-CoV-2. A Covid-19 em pouco tempo se disseminou em diversos continentes, sendo oficialmente considerada pela OMS como pandemia em março de 2020, desde então ocasionou milhares de mortes ao redor do mundo, por seu alto potencial de transmissibilidade (ZHU et. al., 2020; BRASIL, 2020). Esta doença desencadeia infecções respiratórias, com sinais e sintomas clínicos semelhantes a um resfriado, porém alguns casos evoluem para Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), Lesão Cardíaca ou Infecção Secundária (BRASIL, 2020; OLIVEIRA et. al., 2021). A transmissão ocorre através de gotículas e secreções pelo contato direto de pessoa a pessoa, ou em superfícies contaminadas (BRASIL, 2020). Conforme as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), se estabeleceu o isolamento e o distanciamento social, medidas restritivas que refletiram na mudança de rotina das pessoas, e

instituindo, também, um desafio à organização das instituições de saúde, assim como a maneira de atender as pessoas, em foco, os suspeitos ou infectados pelo novo coronavírus, colocando os profissionais de saúde na linha de frente, constantemente em risco de contaminação (MORAIS et al., 2021). O atendimento Pré - Hospitalar (APH) segundo a Portaria nº 2.048/GM (BRASIL, 2002), define-se como o atendimento de primeiro nível de atenção prestado a uma pessoa após ter ocorrido um agravo à saúde, seja de natureza clínica, traumática ou psiquiátrica, que possa acarretar sofrimento, sequelas ou mesmo à morte. A equipe é composta por médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem e condutores/socorristas. A Resolução COFEN nº 375/2011 (COFEN, 2011) determina que todo tipo de assistência prestada pela Enfermagem em unidades móveis destinadas a APH e Inter Hospitalar, em situações de risco conhecido ou não, deve ser desenvolvida somente na presença do enfermeiro, bem como qualquer atividade desenvolvida pelo técnico de enfermagem deverá ser supervisionada. Um atendimento qualificado associado ao transporte e chegada precoce ao hospital, são aspectos que influenciam diretamente nas taxas de morbimortalidade, entretanto, quando se trata do atendimento de pacientes com suspeita de covid, a assistência pode ser prejudicada pela ansiedade e estresse vivenciada pelos socorristas, que por vezes não sabem a real situação clínica do paciente (ARAÚJO et al., 2021). Objetivo: Descrever a assistência de Enfermagem no atendimento pré-hospitalar em pacientes com suspeita de Covid-19, bem como as dificuldades encontradas. Metodologia: Trata-se de uma revisão de literatura não sistemática, não apresentando, dessa forma, um protocolo rígido para sua confecção. A seleção do material foi arbitrária e perpassou pela interferência da percepção subjetiva dos pesquisadores. Foram utilizados como referências artigos científicos, disponíveis na íntegra e no idioma português, selecionados através de busca no banco de dados da Biblioteca Virtual em Saúde e Scielo, publicados entre 2017 e 2021. Desenvolvimento: O aspecto primordial de todo atendimento prestado pelo serviço pré-hospitalar é a segurança da equipe que realiza o transporte. O atual cenário pandêmico exige medidas criteriosas de prevenção da

transmissão da doença, incluindo a utilização adequada e responsável de equipamentos de proteção individual (EPI) e a manutenção das características sanitárias da ambulância e dos equipamentos não descartáveis, higienizando-os após o uso, pois em grande parte dos atendimentos não é possível prever se há ou não suspeitos ou infectados pela Covid-19 (MARQUES et. al., 2020). Para a desinfecção das superfícies e objetos, incluindo a cabine da ambulância, após a higienização com detergente neutro, pode ser utilizado álcool 70% ou hipoclorito de sódio, por exemplo, além de outros desinfetantes específicos encontrado no mercado para esse fim, a exemplo do Surfic, utilizado no âmbito hospitalar. Finalizado o processo de desinfecção, os panos são descartados com destino ao lixo infectado, e os utensílios (como baldes) são limpos com hipoclorito, e submetidos a secagem espontânea (ANVISA, 2021). Inerente à prática de enfermagem, foram adotadas algumas medidas que otimizam a profilaxia ao contágio. Além de manter as janelas do veículo aberto, evitando utilizar o ar condicionado, o que melhora a ventilação do ambiente, foram organizados kits em recipientes de plástico para verificação de sinais vitais, instalação de acesso venoso periférico e de via aérea avançada, o que permite um contato apenas com os materiais que serão de fato utilizados e, após, uma fácil higienização. Outrossim, as anotações de enfermagem somente são realizadas após a retirada das luvas descartáveis e higienização das mãos, a fim de evitar contaminar documentos e canetas (MARQUES et. al., 2020). Por se tratar de uma nova variante viral, os estudos sobre o tema serem escassos, e, conseqüentemente, não ter uma terapêutica efetiva definida, aliado ao índice crescente de óbitos, a pandemia gera inúmeras incertezas, com ênfase naqueles que estão diretamente expostos ao vírus diariamente, como os profissionais da saúde. É importante ressaltar que um profissional que não se sente seguro desempenhando a sua função, acaba não assegurando efetivamente a segurança do próprio paciente, o que potencializa os riscos de ocorrerem eventos adversos (BRASIL, 2013; MARQUES et. al., 2020). Dessa forma, ao passo que se investe na segurança da equipe de saúde, se potencializa a segurança do cliente. Dentre as dificuldades de atuar nos

serviços de APH durante a pandemia, BATISTA (2021) ressalta as mudanças bruscas na rotina, sobrecarga de trabalho, risco de contágio da doença, falta de apoio psicológico, carência de EPIs e má remuneração. Ainda, relacionado ao atendimento, as dificuldades citadas foram maior tempo na ocorrência e maior exposição ao vírus. Considerações finais: Verificou-se que no início da pandemia, foram escassos os estudos que orientassem a melhor forma de trabalhar, bem como a implementação de protocolos, e aquisição de equipamentos de proteção individual que assegurem a prevenção a saúde dos profissionais que prestam atendimento aos infectados e suspeitos. Houve a necessidade de adequações na forma de trabalho, de acordo com medidas impostas pelos órgãos de saúde, a fim de prevenir agravos à saúde do profissional do APH. Além disso, a fim de minimizar as dificuldades enfrentadas pelos profissionais de enfermagem, é necessário uma constante qualificação, preparo técnico e psicológico, pois estão lidando com situações adversas, nunca vivenciadas antes.

Palavras-chave: COVID-19. Enfermagem. Serviços Médicos de Emergência.

E-mails - lediane.trissoldi@unoesc.edu.br; sirleicetolin@gmail.com.